

Franciane Rocha  
Josane Moreira de Oliveira

## **A EXPRESSÃO VARIÁVEL DO FUTURO E DO CONDICIONAL NO SEMIÁRIDO BAIANO – COMPARANDO EXTREMOS SOCIAIS**

### **RESUMO**

Este artigo comporta um estudo realizado em dois extremos de localidade e escolaridade em Feira de Santana, Bahia, com o objetivo de obter um retrato sociolinguístico da produção do futuro e do condicional, considerando sua realidade polarizada tanto social quanto linguisticamente. Tomamos a produtividade da forma *ir* + infinitivo na nossa amostra e a existência de outras formas de expressão do valor futuro na fala dos feirenses. Além disso, nos centramos no uso das estruturas de condicional e sua distribuição regular na fala dos informantes das zonas rural e urbana, estratificados em informantes cultos (escolarizados em nível superior) e informantes não escolarizados. Concluímos que, ao comparar as ocorrências de futuro, é clara a superioridade produtiva estabelecida pelo futuro perifrástico sobre as outras variantes nos dados de futuro, configurando uma mudança linguística praticamente estabelecida na fala dos feirenses.

Palavras-chave: Sociolinguística; Expressão de Futuro; Português Brasileiro; Feira de Santana.

## VARIABLE EXPRESSION OF THE FUTURE AND CONDITIONING IN BAHIA SEMIARID - COMPARING SOCIAL EXTREMES

### Abstract:

This paper includes a study conducted at two extremes of locality and schooling in Feira de Santana, Bahia, with the objective of obtaining a sociolinguistic portrait of future and conditional production, considering its polarized reality both socially and linguistically. We take the productivity of the *ir + infinitive form* in our sample and the existence of other forms of expression of future value in the speech of the feirenses. In addition, we focus on the use of conditional structures and their regular distribution in the speech of rural and urban informants, stratified into educated informants (college educated) and unschooled informants. We conclude that, when comparing future occurrences, the productive superiority established by the peripheral future over the other variants in the future data is clear, configuring a practically established linguistic change in the speech of the feirenses.

**Keywords:** Sociolinguistics; Future expression; Brazilian portuguese; Feira de Santana.

## EXPRESIÓN VARIABLE DEL FUTURO Y CONDICIONAL EN SEMIÁRIDOS DE BAHIA - COMPARANDO EXTREMOS SOCIALES

### Resumen:

Este artículo incluye un estudio realizado en dos extremos de la localidad y escolaridad en Feira de Santana, Bahía, con el objetivo de obtener un retrato sociolingüístico de la producción del futuro y del condicional, considerando su realidad polarizada tanto social como lingüísticamente. Tomamos la productividad de la forma *ir + infinitivo* en nuestra muestra y la existencia de otras formas de expresión de valor futuro en el discurso de los feirenses. Además, nos enfocamos en el uso de estructuras condicionales y su distribución regular en el discurso de informantes rurales y urbanos, estratificados en informantes escolarizados (universitarios) e informantes no escolarizados. Concluimos que, al comparar sucesos futuros, la superioridad productiva establecida por el futuro periférico sobre las otras variantes en los datos futuros es clara, configurando un cambio lingüístico prácticamente establecido en el habla de los feirenses.

**Palabras clave:** Sociolingüística; Expresión futura; Portugués brasileño; Feria de Santana

## INTRODUÇÃO

Norteados pelo pressuposto básico da Sociolinguística Variacionista, que considera a variação inerente ao sistema linguístico, este trabalho analisa a atuação de variáveis sociais na expressão do futuro e do condicional da cidade de Feira de Santana – BA. Observamos, neste estudo, dois extremos de localidade e escolaridade em Feira de Santana no intuito de obter um retrato sociolinguístico da produção do futuro e do condicional nessa comunidade, considerando sua realidade polarizada tanto social quanto linguisticamente. Tentamos sistematizar a produtividade da forma *ir* + infinitivo na amostra e a existência de outras formas de expressão do valor futuro na fala dos feirenses. Focamos também no uso das estruturas de condicional e sua distribuição regular na fala desses informantes. Os dados foram coletados de informantes das zonas rural e urbana do município, estratificados em informantes cultos (escolarizados em nível superior) e informantes não escolarizados, e são analisados a partir de uma rediscussão crítica das hipóteses clássicas de Labov (1972, 1994) quanto às variáveis sexo/gênero, faixa etária e escolaridade. Incluímos na análise também a variável “zona de residência” com o intuito de observar como esta variável geográfica age sobre a expressão de futuro e de condicional na fala dos feirenses, uma vez que a zona de residência do indivíduo muito pode dizer sobre seu acesso a bens culturais e outros fatores que interferem no uso da língua, proporcionando assim uma boa visão sobre a polarização social e linguística na comunidade.

Para compor a variável dependente da investigação, elencamos o futuro sintético (FS), o futuro perifrástico (FP), o presente do indicativo (PI) e outras formas de valor futuro (VF) que aparecem na análise dos dados, como, por exemplo, os gerundismos e os presentes progressivos com valor de futuro. Em uma segunda parte da análise, observamos o comportamento estatístico das formas de futuro condicional, considerando o futuro do pretérito em suas formas sintética e analítica bem como o pretérito imperfeito funcionando como condicional. Examinamos também as formas encontradas do futuro do pretérito

que foram produzidas nas entrevistas por estímulo de efeito gatilho, tendo assim a possibilidade de fornecer uma análise mais representativa da expressão de futuro nessa amostra e explicar a variabilidade nos casos de paralelismo linguístico dos dois grupos de falantes.

## 1 QUADRO TEÓRICO

Partimos da consideração do caráter mutável das línguas e de que a variação é inerente a todas elas bem como passível de sistematização e entendimento ordenado de seus padrões e tendências (WEIREINCH; LABOV; HERZOG, 2006[1968]). Acreditamos, então, que, em virtude das bases históricas pelas quais o português brasileiro foi constituído, com intenso contato entre as diversas línguas aqui encontradas no período da formação do país, o português brasileiro falado como o usamos é resultado de um processo de transmissão linguística irregular do tipo leve (LUCCHESI, 2004) que se iniciou com a aquisição defectiva pelos povos não nativos, constrictos à obrigatoriedade de adquirir e usar a língua do colonizador. Sobre isso, Lucchesi (2015, p. 22-23) discorre:

A dominação física e a sujeição espiritual implicaram a submissão linguística de indígenas aculturados e africanos escravizados, de modo que os descendentes desses últimos foram abandonando a língua de seus antepassados e adotando como materna a língua do colonizador, conquanto guardassem as marcas de sua aquisição imperfeita e nativização mestiça.

Todas essas evidências culminam na intensa clivagem linguística que observamos atualmente no padrão de fala do português brasileiro em todo o território nacional, caracterizado pela polarização linguística: norma culta X norma popular, reflexo da polarização social historicamente constituída, como defende Lucchesi (2015, p. 23) quando afirma que “... a língua no Brasil está profundamente partida, e essa partição nada mais é do que o resultado da violenta divisão social que rasga a sociedade”.

## 2 COMUNIDADE E AMOSTRA

Examinamos ao todo 12 entrevistas (6 dos cultos da zona urbana e 6 dos informantes de baixa ou nenhuma escolaridade da zona rural) realizadas em forma de gravações do tipo DID (diálogo entre informante e documentador). Essas entrevistas integram o banco de dados do projeto “A língua Portuguesa no Semiárido Baiano”, sediado no Núcleo de Estudos de Língua Portuguesa – NELP da Universidade Estadual de Feira de Santana. Este grande projeto, em execução desde 1997, busca investigar os fatores socioculturais e linguísticos que influenciaram na formação do português falado em Feira de Santana tendo em vista a situação de contato com outros dialetos tanto de regiões rurais da Bahia quanto de várias outras regiões do país (ARAÚJO; ALMEIDA, 2013). As influências decorrentes do contato são perceptíveis na fala feirense e entendidas através da configuração histórica da cidade, que, por causa de sua privilegiada localização geográfica dentro do território baiano, faz, desde o século XVIII, a conexão comercial entre a capital e o interior desse Estado (não à toa alcunhada como o “portal do sertão”) e entre outros Estados e regiões do País.

A característica de entreposto comercial e rodoviário de Feira de Santana atraiu inúmeros migrantes a partir da década de 1970. A cidade passou por sua própria revolução industrial nesse período fazendo com que seu cenário social se modificasse profundamente, como apontam Araújo e Almeida (2013) em análise dos dados censitários da cidade:

A partir da década de 1970, o desenvolvimento industrial da cidade é impulsionado devido à criação do Centro das Indústrias de Feira de Santana (CIFS) e do Centro Industrial Subaé (CIS), que atraíram ainda mais migrantes de todas as regiões para o município, que vislumbravam possibilidades de trabalho e a oferta de serviços. Tais características fizeram com que a cidade, que, até o ano de 1950, apresentava 68,03% de sua população residindo na zona rural, aumentasse em muito o seu contingente populacional, de modo que,

em 1996, 87,45% de sua população residiam na zona urbana.

Assim, Feira de Santana passa de uma localidade tradicionalmente rural a um importante entreposto comercial e industrial para a região Nordeste do País que toma proveito de sua privilegiada localização, a apenas 108 quilômetros da capital baiana, Salvador.

Feira de Santana se coloca atualmente como o maior município do interior baiano, com um expressivo número de habitantes, que, segundo o censo de 2014 (BRASIL, 2014), gira em torno dos 612 mil e tem se configurado nos últimos anos também como polo educacional do Estado devido à presença de dezenas de instituições públicas e privadas de ensino, tanto de formação básica quanto de formação técnica e superior. A cidade continua atraindo empreendimentos na área educacional e também na comercial e na da indústria. Assim, pode ser considerada um núcleo que exerce influência cultural, econômica e também linguística sobre diversas microrregiões do semiárido baiano, pois recebe uma população flutuante (advinda em maior parte das necessidades comerciais) e permanente (não só pelo comércio como pelas ofertas educacionais que a cidade oferece), esta oriunda da microrregião, tornando-se aglutinadora de diversos falares e culturas (ARAÚJO; ALMEIDA, 2013).

## 3 EXPRESSÃO DE FUTURO EM PORTUGUÊS BRASILEIRO E AVALIAÇÃO SOCIAL

Assim como em várias outras línguas românicas, o português brasileiro apresenta um padrão histórico cíclico entre as formas sintéticas e perifrásticas na expressão de futuro (OLIVEIRA, 2006). Apesar da oposição bem configurada entre as formas sintéticas e as perífrases, a variação não é exatamente binária, pois ela existe entre uma certa quantidade de formas na fala dos brasileiros. Oliveira (2006) desenvolveu um extensivo estudo de tendência analisando as modalidades escrita e falada da língua das décadas de 70 e 90 do século XX. Nesse estudo a autora identificou seis variantes que expressam valor primário de futuro: (1) o futuro simples (forma sintética); (2) o presente; (3) perífrase com *haver* no presente; (4) perífrase com *haver* no futuro;

(5) perífrase com *ir* no presente; e (6) perífrase com *ir* no futuro. Essas formas apresentam diferentes taxas de ocorrência, que apontam para o crescimento cada vez mais acentuado do uso das formas perifrásticas através das décadas.

Outros estudos de cunho diacrônico com dados de português brasileiro (SANTOS, 1993; SILVA, 2002; POPLACK e MALVAR, 2007; BASTOS, 2010; TESCH, 2011; entre outros) também convergem para a conclusão de que a forma tradicional sintética representada pelo futuro simples vem sendo rapidamente substituída pelas formas analíticas, especialmente pela perífrase composta de *ir* + infinitivo.

Rocha (2012, p. 47) chama atenção para o estudo de Malvar (2003), em um extenso *corpus* do PB falado do século XX, com informantes residentes na zona urbana da cidade de Brasília com idades entre 10 e 30 anos e estratificados segundo os níveis de educação formal (primário, secundário e universitário), que revelou quase nenhuma variação no uso da perífrase construída com verbo *ir*, demonstrando a estabilidade dessa forma. A autora chega à conclusão de que “o futuro sintético está se tornando raro, o presente é um concorrente quase inexpressivo e a perífrase com *haver* é praticamente inexistente<sup>1</sup>”.

Outro interessante estudo no campo da variação da forma verbal de futuro no PB é o de Tesch (2011). Essa autora, baseada em dados do português falado em Vitória – Espírito Santo, afirma que a perífrase *ir* + infinitivo é a variante mais produtiva na fala (80,5% contra a ocorrência de apenas 0,4% de futuro simples). Para a escrita, no entanto, seus dados apontam para a manutenção da forma de futuro simples (cerca de 54% das ocorrências), em virtude do conservadorismo próprio dos ambientes formais de produção linguística.

Ainda no estudo de Tesch (2011), a comparação da escrita de textos jornalísticos das décadas de 1930, de 1970 e de 2008 mostra uma diferença quase insignificante nas taxas de uso das duas primeiras décadas (ambas entre 80% e 90%) e uma diminuição conside-

rável (em cerca de somente 50% das ocorrências) em 2008 do uso do futuro simples. Isso demonstra que a tendência da fala em tornar raro o uso do futuro simples está se estendendo de maneira significativa aos usos escritos do PB.

É importante ressaltar que, quando tratamos de variação da expressão do futuro na comunidade de fala brasileira, lidamos com uma situação de variação não estigmatizada. A variação existe, é produtiva, mas não representa fortes efeitos relacionados à diferenciação na escala social, ou seja, não é alvo de avaliação negativa por parte dos falantes (TESCH et alii, 2014). O estigma social evidente, por exemplo, na variação da concordância (tanto verbal quanto nominal) não se produz com as variantes de futuro, mesmo sendo o futuro simples praticamente a única forma prescrita pelas gramáticas tradicionais de Língua Portuguesa em geral, como salientam Tesch et alii (2014, p. 90):

Na tradição gramatical, o futuro do presente é apresentado de modo praticamente invariante: apenas a forma sintética é registrada nos paradigmas de conjugação verbal e, de modo sutil e descritivo, é registrada a variação com o presente em verbos de movimento. Luft (2000), Mira Mateus et alii (1983), Cunha & Cintra (2008) e Bechara (2002) não mencionam as construções perifrásticas e preferem usar *substituição* ou *possíveis empregos* para se referirem à variação entre o futuro simples e o presente do indicativo com valor de futuro. Said Ali (1966, p. 311-312) é um dos poucos a reconhecer a construção *ir* + verbo no infinitivo como uma possível substituta do futuro simples e como indicadora de uma ação futura imediata.

Esse caráter não estigmatizado da variação na expressão de futuro em PB, mesmo sendo utilizadas e mais produtivas variantes que nem mesmo são mencionadas pela tradição gramatical, demonstra o caráter essencialmente social da língua, que dota de valores as formas linguísticas com base em sua utilidade social, muito mais do que

em seu caráter prescritivo. Em mais abrangentes palavras, Lucchesi (2015, p. 20) dá vários exemplos para postular a afirmação de que “o valor das formas linguísticas não é intrínseco a elas, mas resultado da avaliação social impingida por seus usuários”. No caso que estudamos aqui, vemos uma avaliação mais neutra em virtude das demandas de uso colocadas pelas interações sociais, que, segundo Tesch et alii (2014), determinam, em primeiro plano, as dinâmicas linguísticas.

## 4 ANÁLISE DOS DADOS

Colhemos da amostra de fala não só ocorrências de futuro como também ocorrências de valor condicional e também de referência ao tempo futuro. Assim pretendemos oferecer um panorama sobre os usos relacionados à expressão e referência à futuridade na fala desses informantes. Encontramos oito formas, concorrentes ou não, para produzir o futuro na fala de Feira de Santana. Dentre elas, temos as seguintes formas referentes à expressão do futuro:

- Futuro simples. Ex: “*Quem garante que a solução virá?*”
- Presente. Ex: “*Eu viajo logo em seguida.*”
- Futuro perifrástico. Ex: “*... por isso vou tentar construir diferente da minha.*”
- Presente progressivo. Ex: “*Tô fazendo dez anos de trabalho esse mês que vem.*”

Quanto às formas de valor condicional, em nossa amostra, tivemos:

- Futuro do pretérito. Ex: “*Eu daria atenção mais uma vez só.*”
- Pretérito imperfeito. Ex: “*É. Mas pra ele amarrar o cadarço, eu ensinaria, amarraria, botava ele pra olhar como é que amarra e aí sempre tá praticando, né?*”
- Perífrase com futuro do pretérito. Ex: “*Disse que ele iria me perguntar...*”
- Perífrase com pretérito imperfeito. Ex: “*Vocês iam me dizer tudinho em dois tempo.*”

É importante ressaltar, que diferentemente dos dados de Oliveira (2006), que foram recolhidos de textos falados e também escritos, o futuro perifrástico se apresentou em nossa base de dados somente na forma composta pelo verbo *ir* no presente seguido de infinitivo. Não temos, portanto, nenhuma ocorrência dessa perífrase com o auxiliar flexionado no tempo futuro, assim como não foi produtiva na amostra a expressão com o futuro na forma progressiva.

### 4.1 Exame dos dados – futuro

Na pretensão de colher todos os dados representativos de tempo futuro ou de referência a este, encontramos nas 12 entrevistas um total de 260 ocorrências, sendo destas 153 na fala dos cultos e 107 na amostra dos não escolarizados. Dividimos, primeiramente, essas ocorrências em dados de referência a futuro e dados de referência condicional, ou seja, elencamos separadamente da amostra principal as ocorrências de futuro do pretérito atuando como condicional. Julgamos essa metodologia necessária pelo fato de a parte da amostra constituída de futuro do pretérito se revelar particularmente interessante não só pela variação interna observada (usos de imperfeito substituindo o futuro do pretérito em ambas as formas, sintética e perifrástica) mas também pela sua produção em resposta a efeito gatilho, o que denota um alto grau de paralelismo linguístico importante de ser analisado nos dois extremos sociais que nos propomos a observar.

#### 4.1.1 Ocorrências de futuro e as variáveis sociais sexo, idade e escolaridade

Extraídos assim os casos anteriormente colocados, nos deparamos com 193 excertos referentes ao futuro nos quais encontramos 4 variantes: o futuro simples (forma sintética), o futuro perifrástico somente ocorrendo a perífrase *ir* + infinitivo, o presente com valor futuro e uma quarta categoria que chamamos de outras expressões com de valor futuridade. A tabela abaixo nos mostra o resultado geral da contagem dessas ocorrências.

Tabela 1: Ocorrências das formas de futuro

Futuro simples (FS)	Perífrase <i>ir</i> + inf. (FP)	Presente (P)	Expr. com valor de futuridade (VF)
3	185	3	2
1,6%	95,7%	1,6%	1,1%

Como é possível depreender da observação do altíssimo grau de ocorrência da perífrase *ir* + infinitivo em comparação com as outras variantes, podemos afirmar que, bem como em outras amostras maiores de língua falada, como as de Oliveira (2006), Poplack e Malvar (2007) e Tesch (2011), citadas acima, as formas de futuro perifrástico apresentam-se de forma quase categórica na fala dos feirenses quanto à expressão de futuro. Resaltamos que todas as ocorrências de futuro perifrástico consideradas para a Tabela 1 são da perífrase *ir* + infinitivo composta pelo auxiliar *ir* no presente do indicativo, como nos exemplos:

“... por isso **vou tentar** construir diferente da minha.” (Inf. culto. Fx. 1. Masc.)

“Eu tenho sessenta... sessenta e oito. Ainda **vai fazer** sessenta e oito.” (Inf. culto. Fx. 3. Fem.)

Os três dados de futuro sintético apresentados na Tabela 1 foram coletados da fala de uma informante culta, do sexo feminino, pertencente à faixa etária 2 e residente da zona urbana; e da fala de um informante também culto e residente da zona urbana, do sexo masculino e alocado na faixa etária 3. O uso do futuro sintético, mais comum na modalidade escrita contemporânea, na fala desses dois informantes pode ser considerado um reflexo do elevado grau de escolaridade e familiaridade com textos escritos e também reflexo de maior acesso a bens culturais propiciado pela residência em um grande centro econômico e demográfico. Esses são fatores sociais influentes na fala dos indivíduos em geral que instigam nos falantes a consciência do uso de um código mais alinhado com a norma padrão e com as normas prescritivas da língua portuguesa em certas situações de interação consideradas não corriqueiras ou mais formais.

É importante ressaltar também que, em se tratando de um estudo sincrônico que considera uma observação do tempo aparente na situação de variação e mudança

linguística, é significativo o fato de não haver ocorrências do futuro sintético na fala dos mais jovens, considerados pela Teoria da Variação como os falantes motores do processo da mudança linguística (LABOV, 1972). Ainda o fato de duas das três ocorrências do futuro sintético ocorrerem na fala de um informante mais idoso, da faixa 3, também corrobora o conceito de recorte em tempo aparente refletindo a fala de algumas décadas atrás, onde o futuro sintético ainda era utilizado na língua falada como variante altamente produtiva, embora há muito já concorrente com as perífrases.

Mesmo com a produção do futuro sintético na fala dos informantes indicados, eles ainda são representativos do quadro geral encontrado neste estudo pelo fato de que suas falas também apresentam, e em grande proporção, as perífrases de *ir* + infinitivo produzidas como expressão de futuro, como mostram as Tabelas 2 e 3. Os dados, então, nos permitem afirmar que mesmo na fala desses dois informantes o uso do futuro perifrástico é muito mais produtivo do que o do sintético.

Tabela 2: Dados dos informantes cultos da Faixa 2

Sexo	FS	FP	P	VF	Total
Fem.	1	14	1	0	16
Masc.	0	7	0	0	7
Total	1	21	1	0	23

Tabela 3: Dados dos informantes cultos da Faixa 3

Sexo	FS	FP	P	VF	Total
Fem.	0	4	0	0	4
Masc.	2	15	0	0	17
Total	2	19	0	0	21

Notamos nas tabelas que o uso do presente do indicativo com valor de futuro aparece em nossos dados de maneira pouco representativa, porém figurando como expressão de futuro utilizada na fala dos informantes de Feira de Santana. Essa forma tem sido documentada nos estudos da expressão de futuro sempre como uma variante produtiva mas não concorrente com as demais, apresentado um valor de estabilidade nos dados tendo em vista sua proporção padrão na fala dos informantes brasileiros. Mesmo em estudos diacrônicos, como o de Oliveira (2006, p. 35), “essa variante possui contextos bem específicos e mantém níveis de uso mais ou

menos estáveis na história da língua”. Ainda segundo essa autora, é uma forma que não ameaça ou influencia o paradigma de futuro sintético X perifrástico, pois está à margem da concorrência interna que configura a relação dessas variantes. Em nossos dados, como destaca Oliveira (2006) na última citação, o presente ocorre como expressão de futuro em contextos específicos da interação comum, tanto é que sua produção não aparece diretamente relacionada aos grupos de fatores sociais ‘escolaridade’ ou ‘sexo/gênero’, pois estão distribuídas entre homens e mulheres tanto nos dados dos cultos quanto dos não escolarizados.

#### 4.2 OCORRÊNCIAS DE EXPRESSÕES DE VALOR FUTURO

Chamamos agora atenção para as duas ocorrências de expressões com valor de futuridade. Essas sentenças são estruturas primariamente não designadoras de futuro, mas que, empregadas em certos contextos e acompanhadas de advérbios temporais ou certos elementos lexicais, podem expressar valor de futuridade. Falamos de formas geralmente não contempladas pelos manuais da língua que se apresentam normalmente em forma de perífrases, seguindo a tendência da expressão de futuro em português brasileiro de substituir as formas sintéticas pelas analíticas.

Guimarães (2010, p. 13, baseado em FLEISCHMAN, 1982; HOPPER, 1991; e HEINE, 1993), por exemplo, cita o gerundismo como uma dessas formas de expressão com valor de futuro. Esse autor analisa os gerundismos e os relaciona aos chamados *go-future* do inglês. Sua pesquisa aponta para um aumento significativo da ocorrência de construções que envolvem *estar* + gerúndio no PB contemporâneo como uma generalidade. Afirma ainda, em conformidade com as observações sobre substituição das formas sintéticas pelas analíticas, que a emergência de estruturas de valor futuro como o gerundismo faz parte de um processo mais amplo no PB contemporâneo, que é caracterizado pela alta recorrência de formas perifrásticas envolvendo gerúndios, na medida em que decresce o uso da forma sintética de futuro.

No caso dos dados apresentados neste trabalho, temos duas ocorrências do presente progressivo futuro (PPF). Copley (2008, p. 261) define as construções de presente progressivo futuro como “sentenças que não possuem meios óbvios de referência ao futuro, mas que expressam uma eventualidade planejada ou programada para efetivamente ocorrer no futuro”. Quanto à sua estrutura, Rocha (2012), ao apresentar uma análise morfosintática e lexical dessas sentenças, as apresenta como estruturas constituídas de presente progressivo seguido de advérbios temporais ou outro elemento de valor futuro, como em: ‘*Estou viajando semana que vem*’, ou ‘*Estamos começando o curso amanhã*’.

Na base de dados utilizada para este trabalho, o presente progressivo futuro apareceu na fala de informantes da faixa 1, sendo uma ocorrência na fala de uma informante do sexo feminino, culta e residente na zona urbana e outra ocorrência na entrevista de um falante do sexo masculino, não escolarizado e residente na zona rural.

“*Tô indo* agora no final de janeiro pra resolver tudo.” (Inf. culto. Fx. 1. Fem.)

“*Tô fazendo* dez anos de trabalho esse mês que vem.” (Inf. não-esc. Fx. 1. Masc.)

Embora as construções de presente progressivo com valor de futuro ainda não tenham sido contempladas como tópico de análise de um estudo sociolinguístico específico, podemos inferir que o fato de ela ocorrer em nossos dados na fala dos informantes mais jovens deve-se ao fato de sua natureza ser iminentemente relacionada a um futuro imediato e programado. Os jovens tendem a ter mais expectativas e aspirações com relação ao futuro e, conseqüentemente, o planejam de maneira mais sistemática até pelo fato de terem demandas mais urgentes relacionadas a atividades sociais tanto no campo profissional como pessoal. Dessa forma, é compreensível que eles utilizem mais as estruturas como o presente progressivo para expressar suas agendas futuras. Essas afirmações são refletidas em nossos dados não só pelo aparecimento dos PPFs na fala de informantes da faixa 1 mas também pela menor ocorrência



de expressões de futuro como categoria temporal na fala dos idosos.

Salientamos que a decisão de registrar a análise dessa pequena quantidade de FPPs nos dados desta pesquisa tem como objetivo atestar a produtividade dessas construções sintáticas na fala dos brasileiros e chamar a atenção para a necessidade de consideração das expressões de valor futuro pelos manuais da língua e pelos próprios estudos sociolinguísticos.

## 5 OCORRÊNCIAS DE VALOR CONDICIONAL

Encontramos na amostra 67 dados referentes ao condicional. Esses dados estão distribuídos entre futuro do pretérito e pretérito imperfeito, forma que atua em substituição ao futuro do pretérito no modo *irrealis*, como no par: “*Sendo você, eu **falaria** sobre o incômodo*” e “*Sendo você, eu **falava** sobre o incômodo*”. Para ambos os casos, temos ocorrências nos dados das perífrases correspondentes (*falaria – iria falar* e *falava – ia falar*) atuando em ambientes linguísticos similares, atestando mais uma vez o caráter produtivo das estruturas analíticas na fala dos informantes.

Antes de apresentar os percentuais de ocorrência das formas relativas à expressão do condicional, precisamos ressaltar que grande parte do número de ocorrências do futuro do pretérito (61% delas) deve-se ao fato de os falantes parecerem buscar um paralelismo linguístico em relação à forma verbal empregada pelo entrevistador no final dos inquéritos. Como uma estratégia para coletar dados linguísticos representativos dos pronomes pessoais utilizados na localidade em todas as entrevistas, aos informantes era solicitado que olhassem imagens de pessoas e imaginassem a situação de dar instruções às pessoas nas imagens para que chegassem a determinado ponto da cidade, como no exemplo seguinte:

DOC: Então, se esse rapaz chegasse aqui perguntando pra você como ele faz pra chegar na rodoviária, como você ensinaria?

INF: “*Eu **ensinaria**, **falaria** pra ele ir direto na Getúlio até a... a entrada. Ou **diria** pra ele pegar logo um táxi que é mais fácil.*” (Inf. culto. Fx. 1. Masc.)

Logo, ao desconsiderarmos os 31 dados produzidos nesse tipo de situação (pertinentes, mas a outro tipo de estudo), temos a configuração da amostra de condicional na Tabela 4.

Tabela 4: Ocorrências das formas de condicional

Futuro do pretérito (FP)	Pretérito imperfeito (PI)	Futuro do pretérito perifrástico (FPP)	Pretérito imperfeito perifrástico (PIP)
20	10	1	1
62,4%	31,2%	3,2%	3,2%

### 5.1 O condicional sintético

Percebemos nos dados a predominância das formas flexionadas para a expressão do condicional na fala dos feirenses em concordância com a literatura anterior sobre o tópico. Tesch (2011a) analisou, em um *corpus* de 46 entrevistas com falantes de três níveis de escolaridade (fundamental, médio e universitário) coletadas na cidade de Vitória, no Espírito Santo, a ocorrência das mesmas formas condicionais apresentadas neste trabalho e constatou que “as formas do FP e PI têm uma distribuição equilibrada. As formas perifrásticas não se mostraram muito recorrentes” (TESCH, 2011a, p. 95). O mesmo foi colocado por Costa (2006), quando chama atenção para a prioridade dispensada pelos falantes às formas simples quando desejam expressar condicionalidade.

Quanto à distribuição interna das formas sintéticas de expressão do condicional, temos uma percentagem significativamente maior, em realidade o dobro, das formas de futuro do pretérito do que de pretérito imperfeito, como observado na Tabela 4. Esse dado apresenta diferença dos trabalhos anteriormente citados, onde a distribuição dessas duas formas parece mais equiparada em relação uma à outra, como salienta Tesch (2011a), quando informa que, para os falantes de Vitória/ES, essas são formas estatisticamente equilibradas.

Poderíamos então contrapor nossos dados aos dessa última autora e salientar a diferença da fala feirense comparada à fala capixaba, hipotetizando que o uso do futuro do pretérito é superior na localidade baiana e faz frente à distribuição mais linear do Espírito Santo. Porém, tendo em vista a diferença na quantidade de dados das duas pesquisas e o próprio número não tão significativo de ocorrências encontradas em nossa base de dados, deixamos qualquer conclusão sobre o condicional para uma análise posterior que tenha como tópico específico a análise das construções sintéticas de valor condicional, atendo-nos aqui somente a apresentar os dados e levantar uma questão de pesquisa a ser ainda explorada. No entanto é importante observar a influência da variável social 'escolaridade' na ocorrência das formas sintéticas do condicional.

Se avaliarmos separadamente as formas sintéticas de condicional apresentadas na Tabela 4, vemos que, das 30 ocorrências encontradas, somente 2 ocorrem na fala de informantes não escolarizados da faixa 1, uma para cada sexo. Todas as outras ocorrências são distribuídas nas três faixas dos informantes cultos, sendo a faixa etária 1 a que mais utiliza essas formas, como demonstram as tabelas de 5 a 8, sendo todas as ocorrências de pretérito imperfeito produzidas na faixa 1 dos falantes cultos também para ambos os sexos. Essa última observação corrobora as afirmações de Tesch (2011a), que colocam a forma de pretérito imperfeito como inovadora.

Tabela 5: Ocorrências das formas de condicional – Faixa 1 (informantes cultos)

Sexo	FP	PI	Frequência
Fem.	1	3	33,3%
Masc.	1	7	66,6%
Total	2	10	100%

Tabela 6: Ocorrências das formas de condicional – Faixa 2 (informantes cultos)

Sexo	FP	Frequência
Fem.	8	55%
Masc.	6	45%
Total	18	100%

Tabela 7: Ocorrências das formas de condicional – Faixa 3 (informantes cultos)

Sexo	FP	Frequência
Fem.	1	50%
Masc.	1	50%
Total	2	100%

Tabela 8: Ocorrências das formas de condicional – Faixa 1 (informantes não escolarizados)

Sexo	FP	Frequência
Fem.	1	50%
Masc.	1	50%
Total	2	100%

Salientamos ainda a ocorrência do pretérito imperfeito em contexto *irrealis* como covalente do futuro do pretérito em que encontramos as duas formas ocorrendo na mesma sentença:

(6) *Inf: É. Mas pra ele amarrar o cadarço, eu ensinaria, amarraria, botava ele pra olhar como é que amarra e aí sempre tá praticando, né?* (Inf. culto. Fx. 1. Masc.)

Essa ocorrência (considerada apenas como ocorrência de pretérito imperfeito por se tratar de efeito gatilho para o futuro do pretérito, como em (5)) demonstra que, mesmo tentando manter o paralelismo linguístico para com a fala do entrevistador, o falante deixa transparecer o que parece ser sua fala cotidiana.

## 5.2 O CONDICIONAL PERIFRÁSTICO

Temos uma ocorrência de cada tipo de forma perifrástica para expressão do condicional em nossos dados. São elas:

(7) *Inf: Primeiro eu iria perguntar se ele conhece Feira, aqui o centro né?* (Inf. culto. Fx. 3. Masc.)

(8) *Inf: Eu ia até me oferecer pra ir com a pessoa se for o caso também.* (Inf. não esc. Fx. 2. Fem.)

Apesar do baixo número dessas ocorrências, é importante salientar a produção de ambas as formas, que são

correspondentes ao condicional e também ao pretérito imperfeito, o que nos leva a pensar que, em uma amostra maior, teríamos a presença de todo o quadro de variantes apresentado aqui, como ocorreu com os trabalhos citados anteriormente. Também poderíamos, em uma amostra mais significativa, ter resultados interessantes, visto que nos trabalhos já citados nesta seção, a perífrase do futuro do pretérito apresenta ocorrências baixíssimas, sendo em alguns deles descartado da análise enquanto a perífrase de pretérito imperfeito apresenta alto grau de produtividade.

## CONCLUSÕES

Concluimos que, ao comparar as ocorrências de futuro, mesmo tendo coletado dados de dois extremos sociais (cultos da zona urbana e não escolarizados da zona rural) e tendo importantes questões analíticas sobre a configuração da variação de futuro nesses dados, é clara a superioridade produtiva estabelecida pelo futuro perifrástico sobre as outras variantes nos dados de futuro, configurando uma mudança linguística praticamente estabelecida na fala dos feirenses. Ainda quanto ao futuro, foi possível observar a maior ocorrência de excertos desse tempo verbal na fala dos jovens mais escolarizados e residentes da zona urbana, o que, se observado em termos antropológicos, poderia demonstrar um efeito da clivagem social presente no País, onde as expectativas e os planos expressos no tempo verbal futuro, e mais codificadas em verbos de movimento, são reflexo das oportunidades encontradas por cada extremo social.

Quanto à concorrência forma sintética X forma analítica no padrão morfossintático da língua, ao contrário dos dados de futuro, mostramos que, nas formas de condicional, a forma sintética é a mais utilizada, embora existam correspondentes perifrásticos tanto para o futuro do pretérito, quanto para sua variante popular, o pretérito imperfeito.

Chamamos atenção também para a existência de outras formas perifrásticas produtivas na expressão do tempo futuro no português brasileiro, atestando sua produtividade na fala dos feirenses, documentando o uso de

presente progressivo com valor futuro em contextos de aspectualidade específica e denotando a semântica particular de maior certidão da construção no âmbito da expressão do futuro.

Concluimos ainda que um estudo mais extensivo, com maior alcance social e com um número mais representativo de ocorrências e de caráter comparativo com outras localidades do País, é bastante pertinente à complementação do panorama de estudos tanto no tópico da expressão de futuro quanto das formas com valor condicional.

## NOTA

1 Do original: “Analysis of a large corpus of 20th-century Brazilian Portuguese (MALVAR, 2003), however, revealed almost no variation at all. On the contrary, nearly all references to future time were expressed by the *ir*-periphrasis. The synthetic future is vanishingly rare, the future present at best a minor contender, and the *haver*-periphrasis is virtually non-existent” (ROCHA, 2012, p. 47).

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Silvana Silva de Farias; ALMEIDA, Norma Lúcia Fernandes. Descrição do projeto: *A língua portuguesa no semiárido baiano*. In: LUCCHESI, Dante. **Projeto Vertentes** – UFBA. Disponível em: < <http://www.vertentes.ufba.br/associados/feira-de-santana>>. Acesso em: 11 ago. 2013.
- BASTOS, Ana Cláudia P. Progressive constructions in Brazilian Portuguese and English. **Revista Letras**, n. 63. Curitiba, mai./ago. 2004, p. 11-27.
- BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2014**. Disponível em: < [ftp://ftp.ibge.gov.br/Estimativas\\_de\\_Populacao/Estimativas\\_2014/estimativa\\_dou\\_2014.pdf](ftp://ftp.ibge.gov.br/Estimativas_de_Populacao/Estimativas_2014/estimativa_dou_2014.pdf)>. Acesso em: 11 ago. 2013.
- COSTA, Ana Lúcia dos Prazeres. Mudança no sistema verbal do português: as variantes do futuro do pretérito e a questão da gramaticalização. **Revista Gragoatá**, v. 11, n. 21, Niterói, 2006, p. 87-100.
- COPLEY, Bridget. The plan's the thing: deconstructing futurate meanings. **Linguistic Inquiries**, v. 39, n. 2, 2008, p. 261-274.
- GUIMARÃES, Márcio Renato. Alguns problemas na interpretação da progressividade no português do Brasil. **Revista Letras**, n. 58, Curitiba, jul./dez. 2008, p. 137-145.
- LABOV, William. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, William. **Principles of linguistic change**. Oxford/Cambridge: Blackwell, 1994.

LUCCHESI, Dante. **Sistema, mudança e linguagem**. São Paulo: Parábola, 2004.

LUCCHESI, Dante. **Língua e sociedade partidas – a polarização sociolinguística do Brasil**. São Paulo: Contexto, 2015.

MALVAR, Elisabete. **Future temporal reference in Brazilian Portuguese: past and present**. Ottawa: University of Ottawa, 2003 (Ph.D. Thesis).

OLIVEIRA, Josane Moreira. **O futuro da língua portuguesa ontem e hoje: variação e mudança**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006 (Tese de Doutorado).

POPLACK, Shana; MALVAR, Elisabete. Elucidating the transition period in linguistic change. **Probus**, v. 19, 2007, p. 121-169.

ROCHA, F. **Future present progressive in Brazilian Portuguese**. Trondheim: NTNU trykk, 2012 (Master Thesis).

SANTOS, Adriana Morcelles. **O futuro verbal no português do Brasil em variação**. Brasília: Universidade de Brasília, 1997 (Dissertação de Mestrado).

SILVA, Ademar. **A expressão de futuridade no português falado**. Araraquara: UNESP / São Paulo: Cultura Acadêmica, 2002.

TESCH, Leila Maria. A variação entre as formas do futuro do pretérito e pretérito imperfeito do indicativo na fala capixaba. **Percursos Linguísticos**, v. 2, n. 1, Vitória, 2011a, p. 89-109.

TESCH, Leila Maria. **A expressão do tempo futuro no uso capixaba: variação e gramaticalização**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2011b (Tese de Doutorado).

TESCH, Leila; YACOVENCO, Lilian; SCHERRE, Maria Marta Pereira. Variação e mudança na fala e na escrita: caminhos e fronteiras. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, v. 8, n. 1, Vitória, 2014, p. 87-106.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística**. Tradução de Marcos Bagno; revisão técnica de Carlos Alberto Faraco; posfácio de Maria da Conceição Paiva e Maria Eugênia L. Duarte. São Paulo: Parábola, 2006[1968].

## AS AUTORAS

**Franciane Rocha** é professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. É doutora em Língua e Cultura pela UFBA, Mestre em Linguística pelo programa Internacional de Linguística do ISK (Departamento de língua e comunicação) da NTNU (Norwegian University of Science and Technology), na Noruega, e graduada em Letras com Espanhol pela UEFS.

**Josane Moreira de Oliveira** tem graduação em Letras Vernáculas pela Universidade Federal da Bahia, mestrado em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia e doutorado em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, com estágio na École Normale Supérieure - Lettres et Sciences Humaines (ENS-LSH) de Lyon (França). Realizou Estágio Pós-Doutoral na UFBA (2016-2017). É professora e pesquisadora da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e da Universidade Federal da Bahia (UFBA).